



RELACIONAMENTO ABUSIVO: O SILÊNCIO DENTRO DO LAR

Juliana Maria Cruz
Cristiane Aparecida Santos Stocco
Alessandra Ferreira
Evlyen Talita Souza
Fa Byelle Cristina Wagner
Fernanda Garbelini Ferrante

Resumo: A violência contra a mulher é histórica e cultural, acentua-se pela construção patriarcal que contribui para as desigualdades de gênero e naturaliza as posições masculinas e femininas. Devido a este fato, juntamente com a falta de informação e o relacionamento afetivo, muitas vezes a mulher não percebe a violência a ela dirigida, que pode tomar várias formas, psicológica, sexual, física, moral e patrimonial. Devido a sua extensão, a violência doméstica é considerada um problema de saúde pública. Diante disto, esta pesquisa tem como objetivo explanar as questões da construção histórica da mulher e da violência doméstica. A análise parte de uma peça de teatro “A loucura de Isabella” exibida no Festival de Curitiba em 2018. A personagem principal, em decorrência de um relacionamento violento, apresenta diversos sofrimentos. É preciso dar voz a essa temática para conscientizar e minimizar a dor das mulheres de um relacionamento abusivo.

Palavras-chave: Mulher; violência doméstica; sofrimento.

Abstract: The violence against women is historical and cultural, accentuated by the patriarchal construction that contributes to the gender inequalities and naturalizes masculine and feminine positions. Due to this fact, together with the lack of information and the affective relationship, most often women do not perceive the violence directed at her, which can be taken by several ways, psychological, sexual, physical, moral and patrimonial. Due to this extension, the domestic violence is considered a public health problem. Because of it, this research has the objective to explaining the issues of the historical construction of women and domestic violence. The analysis starts with the play "The Madness of Isabella" exhibited at the Festival of Curitiba in 2018. The main character, due to a violent relationship, presents several sufferings. It is necessary to give a voice to this theme, raise up an awareness and minimize the pain of women in an abusive relationship.

Keywords: Woman; Domestic Violence; Suffering.

1. INTRODUÇÃO

A cultura é baseada em costumes, normas e comportamentos, e isso influencia a definição de gênero com a concepção dualista ideológica pautada na divisão sexual. Neste sentido, a mulher é vista como doméstica, nutridora e emocional, já o homem é responsável por impor as leis e dar sustento (JAGGAR; BORDO, 1997).

A opressão e a submissão do corpo feminino partem de fatores econômicos devido às propriedades privadas e as classes sociais, logo a

condição de mulher estaria atrelada ao modo de produzir e reproduzir. Os homens são vistos como sexo forte, tendem a serem reconhecidos na esfera pública como dominantes ao poder. Já as mulheres representam a esfera privada e doméstica sendo subordinadas (JAGGAR; BORDO, 1997).

Essa influência cultural é o fator fundamental para a naturalização dos comportamentos que tendem a se repetir constantemente em todos os ambientes que o sujeito se encontra. Com a sociedade voltada para o patriarcado, e essa definição de papéis divididas em dois polos, masculino e feminino, um voltado para a dominação e o poder e o outro para ser dominado e submisso. As pessoas influenciadas por este modelo histórico reproduzem questões voltadas a dominação em seus relacionamentos, gerando diversas formas de violência (JAGGAR E BORDO, 1997).

Neste sentido, a violência contra a mulher é presente na sociedade, afetando mulheres de diferentes etnias, religiões, idades, classes sociais, escolaridade e gerações, que tem seus direitos e liberdade violados. Desde 1970 busca-se formas de dar voz a essas questões que se tornaram um problema de saúde pública, pois a violência doméstica e familiar acomete 80% das adultas, jovens, adolescentes e crianças do sexo feminino (CURITIBA, 2008).

Na cidade de Curitiba-PR, no ano de 2015 a Secretária Municipal da Saúde realizou o Boletim Epidemiológico anual com registros de notificações de violência contra a mulher acima de 18 anos de idade, a partir do preenchimento por profissionais das áreas de atendimento à mulher, da saúde, educação, assistência social. Pode-se então ter visibilidade do agravo em relação às vítimas e autores, além de planejar políticas públicas para prevenir a violência (CURITIBA, 2015).

No geral foram contabilizadas 1.921 fichas de notificações de violência doméstica e extra doméstica das mulheres que residem em Curitiba-PR, além de violência física, psicologia, moral, patrimonial, sexual e negligência. Dentre estas, notificou-se 1.057 mulheres vítimas de violência doméstica com predominância em violência física ou psicológica. De acordo com o perfil do agressor, a maioria corresponde ao sexo masculino sendo os autores mais frequentes: o marido ou companheiro com 462 registros, seguido do ex-

campanheiro/ex-marido com 199 registros, os namorados/ ex-namorados 66 casos. A faixa etária das mulheres vítimas de violência são mulheres mais jovens entre 18 a 39 anos contabilizando 1.185 vítimas (CURITIBA, 2015).

Os números de casos ocorridos apenas no município de Curitiba-PR apontam para além, mostram que existem muitos casos de vivências diárias de situações de violência e que podem acabar naturalizando a relação abusiva. Em alguns casos as vítimas podem se apropriar dessas condições, tendo dificuldade de separar o que é imposto culturalmente da violência vivida.

Com isso surge a indagação: quais são as consequências do relacionamento abusivo para a mulher? O objetivo da pesquisa é compreender como um relacionamento abusivo afeta a saúde da mulher, para isso, explanar como a mulher é vista culturalmente na sociedade e como isso silencia relacionamentos abusivos. Além de caracterizar as formas de violência doméstica e as consequências para a vítima dentro do relacionamento e auxiliar na reflexão sobre a importância das mulheres falarem do sofrimento e não silenciarem as violências.

Por meio da literatura e da revisão bibliográfica esta pesquisa qualitativa tem o intuito de tratar questões relacionadas à violência contra a mulher, abordando as temáticas a respeito da violência vivida nos relacionamentos. Além de realizar uma análise da peça teatral “A loucura de Isabella” apresentada no Festival de Curitiba no dia 31 de abril 2018 na praça Santos Andrade de Curitiba-PR, explanando assim a temática levando em consideração contextos históricos, culturais e subjetivos com intuito de compreender a raiz do tema estudado, a partir do referencial teórico de gênero.

2. A MULHER NA SOCIEDADE E A INFLUÊNCIA NOS RELACIONAMENTOS

Desde a antiguidade no tempo das tragédias gregas algumas mulheres infringiram as leis dos homens, como Clitemnestra e Helena que cometeram adultério, e Jocasta que praticou o incesto, assim com Electra que negou seu casamento e acabou destruindo sua feminilidade, essas mulheres eram vistas como transgressora da lei masculina. Na sociedade da Roma Antiga a mulher não era aceita como uma cidadã e, quem falava dessas mulheres eram os

homens. Alguns documentos históricos que foram descritos por homens demonstram que as mulheres respeitadas eram aquelas que “pertenciam ao espaço doméstico” e quando a mulher pertencia ao espaço público era vista de forma negativa (FERRANTE; VIEIRA; SANTOS, 2014).

No final do século XVIII começou a se falar de dois sexos, porém não havia a igualdade, mas sim o conceito de mulher como um ser inferior. Sendo ela responsável pela tarefa de gestar, amamentar e cuidar dos filhos, além disso, era vista como incapaz de desempenhar qualquer outra função social, enquanto o homem realizava as demais funções dentro das esferas sociais, políticas, culturais e econômicas. A ciência médica tinha a concepção de que as mulheres ideais para a maternidade eram aquelas que tivessem ancas largas e com comportamentos infantilizados (VILELA; ARILHA, 2003).

A Bíblia também traz uma visão de mulher ideal através da Virgem Maria concebida pelo Espírito Santo, onde é aquela vista como obediente, submissa e que ama o próximo acima de tudo. Em contraposto traz também a figura de Eva “a pecadora” que cede ao pecado e por isso teve que ser punida. Além disso, Deus concede o casamento monogâmico, onde a mulher casa virgem e o ato sexual é apenas para procriação e não por prazer, visto que o prazer é considerado pecado (FERRANTE; VIEIRA; SANTOS, 2014).

A mulher era vista até a metade do século XX como a “rainha do lar”, aquela que espera a o marido chegar do seu trabalho, com um sorriso no rosto e com o alimento pronto, mediando a relação e apaziguando os conflitos, além de cuidar de todos os membros do lar. Em relação à sexualidade, só pode ser vivenciada dentro do casamento, porém com certo controle sobre o desejo (FERRANTE; VIEIRA; SANTOS, 2014).

Atualmente temos visto que a mulher vem conquistando seu espaço na vida social, onde antes pertencia apenas ao homem, porém passou a ser responsável pela destruição dos modelos familiares a partir do momento que abandona sua exclusividade do lar para trabalhar no espaço público. Sendo assim, a mulher passa ser uma figura em transformação, que carrega consigo um fardo árduo, no sentido de cada vez mais aumentar a sua responsabilidade (FERRANTE; VIEIRA; SANTOS, 2014).

Todos esses aspectos contribuíram para a construção da imagem da mulher na sociedade, o que influencia na violência doméstica que está interligada a relação dos papéis e comportamentos dos homens e que são socialmente aceitos. Principalmente no que diz questão à agressividade emitida pelo masculino, partindo para as concepções sociais e culturais que fazem com que a mulher sofra em silêncio por ser entendido como algo natural e do privado (CASIQUE; FUREGATO, 2006).

Casique e Furegato (2006, s/p) citam algumas crenças emitidas pela sociedade e que influenciam a tamponar a violência contra a mulher como, por exemplo: “A violência é natural, sempre existiu e continuará existindo”; “O lar é um espaço privado, ninguém deve intervir nele”; “A violência se dá em extratos sociais baixos, onde prevalece a pobreza e a baixa escolaridade”; “O agressor é violento em todas as suas ações e relações interpessoais”; “Bater é prova de amor “Te espanco, por que te quero”; “O homem não pode controlar seus impulsos nem manejar suas paixões”; “As mulheres maltratadas podem abandonar seus lares no momento que o desejam”; “As mulheres devem ficar com seus parceiros sob qualquer circunstância, para que as filhas e os filhos possam crescer junto de seu pai”; “As mulheres gostam de sofrer”;

A construção da imagem da mulher desde o processo histórico e com as conquistas dentro da esfera pública influenciam o lar, pois, a mulher passa a construir seu espaço. Por decorrência disso, devido à construção histórica patriarcal da sociedade faz com que os homens utilizem do seu poder para influenciar as mulheres e usem da violência para dominação dentro dos relacionamentos (CASIQUE; FUREGATO, 2006).

2.1. AS VIOLÊNCIAS DOMÉSTICAS

Já é parte da natureza do ser humano a necessidade de unir-se a outro indivíduo e construir vínculos ao longo da vida. No que tange aos relacionamentos íntimos, embora seja algo inesperado, a presença de vários tipos violência tem se tornado algo comum e frequente, deixando marcas psicológicas e físicas duradouras. Além disto, esta prática constitui violação dos direitos humanos, prejudicando a saúde e resultando em muitos casos a morte de envolvidos, além de estar acompanhada de silêncio e submissão pela

vítima. Tal fenômeno ocorre, dentre outros fatores, por influências do meio social e cultural do indivíduo, e por este motivo, durante longos anos, a violência doméstica contra a mulher não foi reconhecida como uma ação passível de punição (LIMA; WERLANG, 2011).

Com relação à violência doméstica contra a mulher, tal temática tomou grande proporção por meio do movimento feminista, e foi neste movimento que a vitimização das mulheres passou a ter visibilidade e ir contra crenças preestabelecidas pela cultura e sociedade (LIMA; WERLANG, 2011).

A violência doméstica ocorre no âmbito das relações familiares e é frequentemente praticada pelo parceiro ou também ex-parceiro conjugal (LIMA; WERLANG, 2011). A violência praticada contra mulheres no âmbito familiar é responsável por danos à saúde física e mental da vítima. Além disso, vale ressaltar que a violência não se resume ao uso da força, também está relacionada à ideia de submissão estabelecida culturalmente nas relações de gênero, tornando o homem dominante e a mulher sendo considerada um ser inferior (SILVA et al., 2015). Sendo assim, esta visão aliada à fatores culturais, econômicos e sociais, além da pouca visibilidade, ilegalidade e impunidade das autoridades, traduz o poder e a força do sexo masculino que por meio de papéis estereotipados, legitimam a violência (OLIVEIRA et al., 2015).

Neste sentido, as mulheres têm como consequências da violência, a vida social prejudicada, tornam-se reprimidas e psicologicamente abaladas. Assim a violência contra a mulher dentro dos relacionamentos tem se tornado um problema de saúde pública de grande magnitude no mundo (SILVA et al., 2015).

Em decorrência da violência doméstica e os danos físicos, psicológicos e sexuais causados por ela, nas últimas décadas foi possível verificar avanços no desenvolvimento de políticas públicas de saúde e criação de órgãos governamentais para a proteção dos direitos das mulheres como, por exemplo, a criação de leis contra a prática da violência contra a mulher. Tais iniciativas, com o objetivo de modificar esta situação, resultaram na abertura das Delegacias de Defesa da Mulher e efetivação da lei de número 11.340/2006 (Lei Maria da Penha), que trouxe com um de seus principais objetivos o aumento no rigor das punições a violência contra a mulher possibilitando o

decreto de prisão preventiva, aumento da pena e medidas protetoras (OLIVEIRA et al., 2015).

Segundo Carneiro e Fraga (2012) a Lei 11.340/2006, Lei Maria da Penha, foi instituída em sete de agosto de 2006, tal lei foi embasada no parágrafo 8º do artigo 226 da Constituição Federal e convenções sobre a eliminação de todas as formas de violência contra mulher e ainda, convenção para prevenir, punir e erradicar a violência contra mulher. Esta lei promulgou artifícios para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Através desta, foram também criados juizados 7 especializados para crimes previsto nesta legislação assim como o estabelecimento de medidas de proteção e assistência às vítimas. No artigo 5º desta lei a definição de violência doméstica é atribuída como qualquer ação ou até mesmo negligência relacionada a gênero que cause morte ou lesão, sofrimento físico, sexual, psicológico, dano moral ou patrimonial em unidade doméstica, âmbito familiar ou relação íntima de afeto (CARNEIRO; FRAGA, 2012).

2.2. SOFRIMENTO NO RELACIONAMENTO ABUSIVO: CASO ISABELLA

A violência conjugal é vivenciada nas relações entre cônjuges, parceiros, noivos, namorados e também ex-parceiros. É uma violência caracterizada por ocorrer entre pessoas que se amam ou se amaram e que possuem ou possuíram relacionamentos íntimos. De modo geral é comum que o agressor conheça os hábitos e os sentimentos da vítima, conseguindo assim planejar a melhor maneira de agir (MARQUES, 2005). Pode ser entendida como violência: a agressão que tem como objetivo causar danos à vítima, ou seja, uma agressão não necessariamente física, mas como o intuito de causar sofrimento. É uma ação intencional que fere e constrange a vítima, podendo causar lesões físicas, psicológicas e até mesmo a morte (MARQUES, 2005).

Na peça “A loucura de Isabella” apresentada pelo grupo de teatro Arte da Comédia é possível observar como a violência ocorre dentro de um relacionamento conjugal. Na trama, a protagonista Isabella mostra as consequências de uma violência psicológica dentro de um relacionamento afetivo.

A peça, uma adaptação brasileira de um conhecido texto do dramaturgo e diretor italiano Flaminio Scala, conta a história de Isabella, uma jovem indígena que foi sequestrada por um coronel autoritário e obrigada a se casar e viver presa em uma posição submissa. Ainda casada com o Coronel, Isabella conhece Horácio, se apaixona e para viver esse romance ela mata marido, fugindo então com seu amado. Horácio, porém, ainda está envolvido emocionalmente com sua ex-namorada Flamínia, vivendo assim um triângulo amoroso. Isabella por sua vez permanece no relacionamento com Horácio, convivendo com o enorme sofrimento causado pelas mentiras do companheiro. O ápice da história é quando a protagonista tomada pelo sofrimento causado pela relação abusiva vai à loucura.

Com a peça “A loucura de Isabella” é possível compreender as diversas formas de violência conjugal e também observar algumas consequências. É importante também ressaltar que durante toda a história Isabella foi taxada de louca, não apenas por seu companheiro, como pelos demais. Reforçando assim o silêncio da mulher dentro das relações de violência.

A violência psicológica pode ser entendida como a forma mais subjetiva de violência, porém é muito mais frequente que agressões físicas. É responsável por causar inúmeros danos à vítima, como sentimento de medo, quadros de fobia, ansiedade, depressão, ideação suicida, cognição alterada e transtornos psiquiátricos (DAY et al., 2003).

O abuso emocional é aquele que ameaça o bem-estar da vítima, provocando danos mentais. As finalidades da violência emocional são: abalar a segurança de raciocínio da mulher, ou seja, o homem abusador faz uso de técnicas para manipular a sua companheira de forma com ela passe a agir de acordo com sua vontade. Muitas vezes a violência acontece através da utilização de palavras de baixo calão, abuso verbal, fúria, ameaças ou qualquer outra forma de comportamento que cause sofrimento (MARQUES, 2005).

No caso de Isabella, seu companheiro Horácio, fazia diversas promessas a ela, enquanto mantinha também um envolvimento com a ex-namorada. Além disso, no seu discurso deixava claro que os ciúmes de

Isabella não passavam de um ato de loucura, colocando assim em xeque a sanidade mental da personagem, calando-a perante a sociedade.

Através da peça de teatro “A loucura de Isabella” foi possível compreender que as formas de violência conjugal, as quais vão muito além da violência física e os danos são imensos para a vida da mulher. No caso da personagem taxada como louca, as relações abusivas vividas foram decisivas para o desencadeamento de um quadro de transtorno psicológico.

A peça “A loucura de Isabella” retrata de forma concisa parte deste cenário de violências e abusos que ocorrem no dia a dia. Em relação à personagem Isabella, é possível verificar a ocorrência de três tipos de violência na qual a peça retrata, são elas: a violência psicológica que é caracterizada como qualquer conduta na qual resulte em dano emocional, prejuízo à autoestima, controle das ações, comportamentos, crenças mediante a severas ameaças, e que cause humilhação, isolamento, perseguição dentre outros diversos tipos de prejuízos psicológicos presentes na lei (PORTO; COSTA, 2010).

Além disto, é possível perceber durante a peça a violência moral, na qual configura calúnia, difamação ou injúria. E, por fim, a peça retrata a violência patrimonial, esta última é caracterizada dentre outros aspectos, pela retenção ou destruição parcial ou total de seus pertences (documentos, objetos e outros), além da retenção dos direitos econômicos na qual fora destinado a satisfação das necessidades (PORTO; COSTA, 2010).

2.3. AS CONSEQUÊNCIAS DO RELACIONAMENTO ABUSIVO

O abuso nos relacionamentos ocorre de distintas maneiras como já supracitados, com isso algumas consequências da relação abusiva, trazem prejuízos orgânicos e psíquicos, além de atingir as relações interpessoais, familiares e de convívio social da pessoa que sofre algum tipo de violência. Além disso, consequências em relação a prejuízos materiais e econômicos também podem ocorrer.

Ao se deparar com essa violência em relação às mulheres às consequências mais comuns de um relacionamento abusivo são os traumas físicos principalmente neurológicos (por pancada ou queda), além dos danos

causados pelo estresse frequente, que podem acarretar em sofrimento psicológico como depressão e suicídio (MARQUES, 2005).

Em relação às consequências físicas ao comparar mulheres que já tiverem experiência com um relacionamento abusivo, observa-se que essas que já sofreram algum tipo de abuso, apresentam um quadro patológico maior, como: dores de cabeça, nas costas, dores pélvicas, doenças sexualmente transmissíveis (DST'S), dor no ato sexual, problemas ginecológicos, neurológicos, surdez e outros sintomas que se relacionam com o estresse crônico. Além de essas mulheres necessitarem mais de intervenções cirúrgicas e apresentarem maior propensão à incapacidade física. Convém ressaltar que não é só o abuso físico ou sexual que interferem sobre a saúde física, mas também o abuso psicológico que tem consequências negativas na saúde da mulher. O abuso psicológico se associa a pior saúde física e a doenças crônicas, assim as relações de abuso se relacionam diretamente com uma saúde física e psicológica com déficits (PAIVA; FIQUEIREDO, 2005).

Outros fatores que contribuem para o prejuízo na saúde física e mental de mulheres que sofrem por conta de um relacionamento abusivo que é a falta de suporte social, o isolamento social que são uma resposta aumentada ao estresse se relacionam a uma maior pré-disposição para patologias. Os danos psicológicos causados por relações onde a mulher vive em constante estado de estresse podem levar a depressão, crises de choro, ansiedade, ideias suicidas, ao ato do suicídio e diminuição da autoestima. (MARQUES, 2005; PAIVA; FIQUEIREDO, 2005).

Também na medida em que o tempo passa comumente essas mulheres descuidam da aparência física e recorrem ao uso de substâncias psicoativas (SPAS). No trabalho o desempenho diminui, e por vezes abandonam o emprego (por decisão pessoal, ou por proibição do parceiro). Além de trazer prejuízo individual para a “vitima”, a violência no relacionamento afeta também os filhos, que podem apresentar dificuldades escolares, alteração de sono, dificuldade em interações sociais, depressão e ansiedade (MARQUES, 2005; DAY et al, 2003).

As consequências do relacionamento abusivo tornaram-se um problema não só das relações privadas, mas se estendeu tornando-se um

problema social e de saúde pública. Os efeitos da qualidade dos relacionamentos têm sido cada vez mais estudados, esse fato acontece, pois as mulheres que foram vítimas de algum tipo de violência dentro de um relacionamento recorrem mais a serviços médicos, comumente ficam mais de cama e exibem mais sinais de sofrimento físico e mental (PAIVA; FIQUEIREDO, 2005).

3. CONCLUSÃO

Os resultados obtidos por meio desse manuscrito mostram que o relacionamento abusivo é um tema que permeia diversas discussões e fomenta a criação de grupos para trabalhar e programar políticas públicas e ações para atender os indivíduos que sofrem com este tipo de violência. Neste artigo o foco foi dado para as mulheres, pois ainda, por questões culturais e de relações de gênero esse público é o que mais sofre com esse tipo de violência (JAGGAR; BORDO, 1997; CURITIBA, 2015).

É importante considerar que este trabalho devido ao objetivo proposto abordou questões como o papel das mulheres na sociedade que desde a antiguidade elas são vistas como submissas aos homens, e mesmo que estejam alcançando espaços na vida pública, ainda são desvalorizadas e submetidas a relacionamentos abusivos por questões culturais e familiares, silenciando essas violências e como consequência: o sofrimento.

O estudo colaborou com breves descrições sobre relacionamento abusivo sofrido por mulheres, partindo da peça “A loucura de Isabella” que possibilitou desenvolver o tema sobre a violência dentro dos relacionamentos afetivos. A partir dessa peça se constituiu as seções sobre essa temática para abranger a consequência da violência doméstica, possibilitando que as mulheres compreendam que não é só a violência física que configura violência doméstica, mas sim tudo que configure sofrimento desde violência psicológica, moral, patrimonial e sexual. Além de ressaltar a importância das mulheres terem acesso a informação, visto relacionamentos abusivos matam. Muito já se foi feito, mas ainda é necessário que haja mudanças de cunho cultural e mais políticas públicas que auxiliem todas as vítimas a não silenciarem o sofrimento.

4. REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Alessandra Acosta; FRAGA, Cristina Kologeski. A Lei Maria da Penha e a proteção legal à mulher vítima em São Borja no Rio Grande do Sul: da violência denunciada à violência silenciada. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 110, p. 369-397, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010166282012000200008 . Acesso em: 02 de junho de 2018.

CASIQUE, Leticia C., FUREGATO, Antonia R. F. Violência contra mulheres: reflexões teóricas. **Rev Latino-am Enfermagem**, 2006 novembro-dezembro; 14(6). Disponível em :<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=281421865018>> Acesso em: 25 de maio de 2018.

CURITIBA. **À Mulher em Situação de Violência**. Prefeitura Municipal de Curitiba. Secretaria Municipal de Saúde. Curitiba: Ed. Ajir, 2008. Disponível em <<http://www.saude.curitiba.pr.gov.br/images/Protocolo%20da%20Rede%20de%20Aten%C3%A7%C3%A3o%20e%20Prote%C3%A7%C3%A3o%20a%20Mulher%20em%20situa%C3%A7%C3%A3o%20de%20violencia.pdf>> Acesso em: 26 de maio de 2018.

_____. Prefeitura Municipal de Curitiba. Secretária Municipal da Saúde. **Violência Contra a Mulher: perfil dos casos notificados em 2015**. Disponível em: <<http://www.saude.curitiba.pr.gov.br/images/Viol%C3%Aancia%20Contra%20%20a%20Mulher%20-%202015.pdf>> . Acesso em: 26 de maio de 2018.

DAY, Vivian Peres, et al. Violência doméstica e suas diferentes manifestações. **Revista de psiquiatria do Rio Grande do Sul**. v.25, n. 1, p. 9-21, 2003. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rprs/v25s1/a03v25s1>> Acesso em: 09 de junho de 2018.

FERRANTE, Fernanda Garbelini de; VIEIRA, Elisabeth Meloni; SANTOS, Manoel Antônio dos. **A mulher contemporânea: percepções de médicos do serviço público de saúde sobre a sexualidade e gênero**. In: Sexualidade, gênero e educação sexual: diálogos Brasil-Portugal. Araraquara, SP: Publicações CIE:Padu Aragon, 2014, p.278-291. Disponível em: <<https://security.ufpb.br/escolasplurais/contents/noticias/ebooks/sexualidade-genero-e-educacao-sexual>> Acesso em: 25 de maio de 2018

JAGGAR, Alison M; BORDO, Susan R. **Gênero, corpo, conhecimento**. Tradução de Brítta Lemos de Freitas. - Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

LIMA, Gabriela Quadros de; WERLANG, Blanca Susana Guevara. Mulheres que sofrem violência doméstica: contribuições da psicanálise. **Psicol. estud.**, Maringá , v. 16, n. 4, p. 511-520, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n4/a02v16n4.pdf>>. Acesso em: 02 de junho de 2018.

MARQUES, Tania Mendonça. **Violência conjugal: estudo sobre a permanência da mulher em relacionamentos abusivos**. 2005. Disponível em <<http://repositorio.ufu.br/handle/123456789/17261>> Acesso em 09 de junho de 2018.

OLIVEIRA, Patrícia Peres de et al. Mulheres vítimas de violência doméstica: uma abordagem fenomenológica. **Texto e contexto – Enfermagem**. Florianópolis , v.

24, n. 1, p. 196-203, 2015 . Disponível em:
http://www.scielo.br/pdf/tce/v24n1/pt_0104-0707-tce-24-01-00196.pdf Acesso em 10 jun. 2018.

PAIVA, Carla; FIGUEIREDO, Bárbara. Abuso no relacionamento íntimo e estado de saúde em jovens adultos portugueses. **Revista International Journal of Clinical and Health Psychology**. Granada, v. 5, n. 2, p. 243-272, 2005.

PORTO, Madge; COSTA, Francisco Pereira. Lei Maria da Penha: as representações do judiciário sobre a violência contra as mulheres. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas , v. 27, n. 4, p. 479-489, 2010 . Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n4/06.pdf>>. Acesso em 10 jun.2018.

SILVA, Susan de Alencar, et al . Análise da violência doméstica na saúde das mulheres. **Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.**, São Paulo , v. 25, n. 2, p. 182-186, 2015 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S010412822015000200008&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 10 de junho de 2018.

VILELA, Wilza Vieira ; ARILHA. Margareth. **Sexualidade, Gênero e Direitos Sexuais e Reprodutivos**. Sexo & Vida: panorama da saúde reprodutiva no Brasil! Elza Berquó (org.) - Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003, p.97-107.